



## Por uma pedagogia do *bem viver* como aposta ético-política para descolonizar currículos e construir outras formas de educar

Jeane Felix

Como professora, nos últimos anos, tenho sido afetada por relatos de “falta de sentido” sobre ser e estar na universidade e na docência que me tem sido recorrentemente relatado por vários/as estudantes. O fato de atuar na formação de professores/as me deixa especialmente preocupada com esses relatos, pois eles me provocam a refletir acerca de como alguém que não encontra sentido para estar em sala de aula como professor/a em formação, pode ser capaz de ensinar e, assim, de mobilizar outras pessoas a aprender.

Como professores/as somos responsáveis por abordar os conteúdos integrantes dos documentos curriculares que normatizam o nível e/ou a modalidade de ensino em que atuamos. Ensinar, nessa perspectiva, é relativamente simples: estudamos e nos preparamos para transmitir os conteúdos designados para o componente curricular sob nossa responsabilidade. Mas ensinar não se limita a reprodução de conteúdos e à abordagem dos conhecimentos previstos nas propostas curriculares vigentes. Acredito que ensinar é mediar o processo de aquisição de conhecimentos por parte dos/as estudantes, criando possibilidades para que eles/as aprendam. Ensinar, nas palavras de Paraíso (2016, p. 209), seria “[...] transmitir, informar, ofertar, apresentar, expor e explicar conhecimentos e saberes pensados, pensáveis e aceitos”. Assim, acredito que ensinar é parte fundamental do fazer pedagógico.

Para Libâneo (2005), o fazer pedagógico constitui-se a partir das mediações culturais para o desenvolvimento teórico-científico dos/as estudantes, desenvolvimento das

subjetividades e formação para a cidadania e atuação na realidade. Trata-se, pois, de propiciar aos/as estudantes condições para a aquisição de aprendizagens complexas que passam pela dimensão dos conhecimentos científicos, mas também pela construção identitária, a produção de sentidos sobre ser e estar no mundo e o desenvolvimento de capacidades que lhes permitam contribuir para a transformação social nos contextos em que estiverem inseridos/as.

Aprender, diferente de ensinar, não acontece sem que haja a produção de sentidos por parte dos sujeitos, caso contrário, em meu ponto de vista, trata-se de memorização e não de aprendizagem. Aprender demanda agência e não passividade, pois aprender “[...] é abrir-se e refazer os corpos, agenciar atos criadores, refazer a vida, encontrar a diferença de cada um e seguir um caminho que ainda não foi percorrido. Aprender é abrir-se à experiência com “um outro”, com “outros”, com uma coisa qualquer que desperte o desejo [...]” (PARAÍSO, 2011, p. 147).

Parece-me, pois, fundamental criarmos fendas e brechas para a (re)invenção dos processos educativos permitindo sair do lugar comum da mera transmissão de conhecimentos para chegar em outro no qual seria possível experimentar, efetivamente, processos de aprendizagem – o que é válido, especialmente, para os cursos de formação de professores/as. Para isso, precisamos lançar mão de outros modos de educar, que sejam menos conteudistas e favoreçam diferentes aprendizagens. Minha aposta é de construirmos, em nossas escolas e cursos de formação de professores e professoras, uma pedagogia do *bem viver*.

O *bem viver* seria uma filosofia oriunda dos povos ameríndios que, ao recuperar sabedorias ancestrais, busca se contrapor ao “[...] alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo e todos em coisa” (TURINO, 2016, p. 23). Para Acosta (2016), o *bem viver* é uma utopia, uma aposta ético-política baseada na construção coletiva e comunitária de formas mais justas e menos desiguais para a vida em nosso planeta. Segundo Acosta, “o bem viver oferece múltiplas possibilidades para repensar as lógicas de produção, circulação, distribuição e consumo de bens e serviços, assim como para repensar as estruturas e as experiências sociais e políticas dominantes, próprias da civilização capitalista” (ACOSTA, 2016, p. 17).

Trazer a referência às desigualdades sociais produzidas pelo capitalismo para pensar em uma pedagogia do *bem viver* é fundamental pois, segundo Villarruel (2019, p. 59), “[...] não existe uma pedagogia do *Sumak Kawsay* [sinônimo para o que foi traduzido como bem viver] sem um desejo de desfazer-se da sujeição implicada pela aceitação de um momento econômico dependente e colonialista” que é, por isso mesmo, “[...] cansativamente produtor de *commodities* e focado em resultados em seu afã por melhorar cifras econômicas”. Ademais, é preciso se contrapor à perspectiva que compreende ensinar apenas como instruir e transmitir conhecimentos de modo descontextualizado, sem se preocupar com a transformação das condições de desigualdade que se perpetuam em uma sociedade como a nossa, ainda sustentada em dimensões coloniais. Nunes, Girardi e Cassiani (2021, p. 200), indicam que “a visão eurocentrada de que o colonizador europeu era civilizado, enquanto os povos nativos eram “selvagens”, construiu um imaginário de inferiorização e hierarquização das diferentes etnias, o que desencadeou processos que são visíveis atualmente na agenda da modernidade”, tais como o racismo, machismo e o capacitismo, com fortes influência nas instituições educativas e seus currículos. Em outra direção, a decolonialidade é uma proposta epistemológica que busca se contrapor a essa lógica, por meio do reconhecimento e da valorização dos saberes dos povos originários.

O *bem viver*, como aposta ético-política, busca questionar e problematizar os efeitos da colonialidade, entre outros espaços, nos currículos, “sem ignorar as vantagens que podem ser obtidas com os avanços tecnológicos e científicos” (NUNES, GIRARDI e CASSIANI, 2021, p. 200) oriundos da lógica eurocêntricas de produção do conhecimento. Desse modo, acredita-se que a produção de conhecimentos desde perspectivas outras que não apenas eurocêntricas é fundamental como um projeto político de valorização dos conhecimentos ancestrais. De acordo com Walsh (2003, p. 13), trata-se de construir “em diálogo com outras regiões do mundo projetos intelectuais, políticos e éticos que põe em diálogo, debate e discussão de pensamentos críticos (no plural), que tem como objetivo compreender e confrontar, entre outras, as problemáticas da colonialidade [...], e pensar fora dos limites definidos pelo (neo)liberalismo”.

Aqui, com as lentes de uma pedagogia do *bem viver*, cabe perguntar: o que tem sido visibilizado nos nossos currículos escolares e de formação de professores e

professoras? Quais narrativas têm ocupado espaço central e quais (quando aparecem) ficam nas margens e nas bordas? Que histórias nos foram ensinadas em nossas escolas? Quem são as personagens principais e secundárias e como elas têm sido apresentadas em nossas aulas? Que saberes são considerados válidos de serem ensinados? Refletir sobre essas perguntas em uma perspectiva decolonial, pautada nos princípios do *bem viver*, nos permitem pluralizar os conteúdos curriculares, problematizar os conhecimentos instituídos e criar fissuras para produzir outras formas de educar, que nos é tão necessária.

A partir de lentes decoloniais, em termos teóricos, o *bem viver* propõe diálogos entre a academia e as experiências concretas, inclusive de nossos ancestrais, em uma operação de reconhecimento de saberes que são frequentemente desvalorizados e invisibilizados em nossos currículos formais. Para Acosta (2016), o *bem viver* é uma proposta de superação do racismo intelectual, para o qual, apenas a ciência ocidental é reconhecida e todo e qualquer saber produzido fora desse espectro é considerado menor e, portanto, não científico.

O *bem viver* sustenta-se em outras formas de pensar e gerir a vida em sociedade, buscando se distanciar da lógica do consumo exacerbado que tem guiado as sociedades capitalistas (ACOSTA, 2016). Uma pedagogia do *bem viver*, nesse sentido, busca se contrapor à homogeneização que sustenta a lógica capitalista, reconhecendo e valorizando a diversidade (de modos de existência, de saberes etc.). Para Villarruel (2019, p. 61), o maior desafio para operar educativamente na perspectiva do *bem viver* no Equador – e que penso também ser adequado ao contexto brasileiro – seria “gerar uma pedagogia que se sinta autossuficiente para diferenciar a instrumentalização política” que dela tem sido feita e, também, “[...] dos possíveis usos e aprendizagens que se podem ser obtidos desse conjunto de preceitos por uma sociedade que se encontra em uma etapa de modernização e homogeneização de padrões de consumo e opinião”. Trata-se, pois, de aprender a partir das características do *bem viver* a educar para: a colaboração e não a competitividade, a parceria e não o individualismo, a diversidade e não a homogeneização.

Assim, apostar em uma pedagogia do *bem viver* me parece cada vez mais urgente como uma aposta ético-política para descolonizar os currículos, pluralizar outras históricas, fazer conhecer outras personagens, reconhecer e valorizar outras

formas de existência. Esse é, para mim, um caminho possível para que professores/as em exercício ou em processo de formação inicial percebam-se agentes dos processos de mudança de pensamento e de transformação social, cada vez mais imprescindíveis.

### Referências:

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. LIBÂNEO, José C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. in: LIBÂNEO, José C.; SANTOS, Akiko. (org.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. 1ª ed. Campinas (SP): Alínea, 2005, v. 1, p. 19-62.

NUNES, Pâmela Vieira; GIRALDI, Patrícia; CASSIANI, Suzani. Decolonialidade na Educação em Ciências: o conceito de Bem Viver como uma pedagogia decolonial. **Revista Interdisciplinar Sulear**, ano 04, número 9 -abril/2021 -p. 199-219.

PARAÍSO, M. A. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr. 2016. Disponível em: <[http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723817332016206/pdf\\_102](http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723817332016206/pdf_102)>. Acesso em 13 de fevereiro de 2021.

PARAISO, M.A. Raciocínios generificados no currículo escolar e possibilidades de aprender. In: LEITE, C. et al. (Orgs.). **Políticas, fundamentos e práticas do currículo**. Porto: Porto Editora, 2011. p.147-60.

TURINO, Celio. Prefácio à Edição Brasileira. In: ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

VILLARRUEL, Antonio. Floresmilo Simbaña: Sumak Kawsay como projeto político pedagógico. In: STRECK, Danilo R.; MORETTI, Cheron Zanini; ADAMS, Telmo (Org.). **Fontes da Pedagogia Latino-Americana: heranças (des)coloniais**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.



WALSH, Catherine ¿Qué Saber, Qué Hacer Y cómo Ver? Los Desafíos Y Predicamentos Disciplinarios, Políticos Y Éticos De Los Estudios (Inter)Culturales Desde América Andina. In: WALSH, Catherine (editora). **Estudios Culturales Latinoamericanos: retos desde y sobre la región Andina**. Quito/Equador: Ediciones Abya-Yala, 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil. Educ. Real. [online]. 2019, vol.44, n.4. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v44n4/2175-6236-edreal-44-04-e89212.pdf>

**Autora:**

*Jeane Felix: Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Pós-doutorado em Educação também pela UFRGS. Atualmente é professora vinculada ao Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ao longo da carreira, tem se debruçado a pesquisar as seguintes temáticas: gênero e sexualidade, educação e(m) saúde, juventudes e HIV/aids, formação de profissionais de educação e de saúde e, mais recentemente, sua agenda de pesquisa tem caminhado para as investigações sobre decolonialidade e bem viver, educação anti-especista e animalidades.*

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-4754-0074>>.

Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/7927273805588210>>.